

# ESCURIDÃO

CONTOS E POEMAS DE TERROR



Ademir Pascale - Organizador

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-02-20944-8**

**2026**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- AMARGO LUAR, POR JAFF SILVA, PÁG. 05  
HOTEL BOM PREÇO, POR ANTONIANO, PÁG. 08  
MARIAZINHA, POR ANTONIO JUNIOR, PÁG. 10  
CASA ANTIGA, POR RITA DE CÁSSIA TRAVAGIN KLEIN, PÁG. 14  
ALÉM DO ALÉM, POR GAVIAL JACARÉ (FLAVIO JOPERT), PÁG. 18  
A PORTA, POR FRANCISCO S. ESTEVES, PÁG. 21  
O SEGUNDO GESTO, POR HELIO BOTELHO GONÇALVES, PÁG. 27  
DUAS VIDAS, POR MARILEUZA BELMIRO, PÁG. 30  
O QUE A ÁGUA NÃO DEVORA, POR R.BOTTER, PÁG. 37  
A MONTANHA DO SUMIÇO, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 41  
UM DÉJÀ-VU, POR SELMA LUANNY, PÁG. 43  
FRAGILIDADE, POR SELMA LUANNY, PÁG. 45  
A CAIXA, POR TIAGO ITALO, PÁG. 47  
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 51

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

**ESCURIDÃO**  
POEMAS E CONTOS  
DE TERROR

# APRESENTAMOS

## **AMARGO LUAR** POR JAFF SILVA

Jaff Silva (pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4> ). Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva> ), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).



Hoje acordei do avesso  
Imerso em minha tristeza  
Nem tentei meu lado travesso  
Melancolia era certeza.

Os olhos cheios de lágrimas  
A memória plena de agruras  
Os motivos são enigmas  
Indecifráveis nas horas escuras.

Mas a dor é real e palpável  
Tu estás deveras ausente  
E não restou nada afável  
Para aliviar o presente.

A saudade é tão tangível  
A melancolia tão densa  
Que só o choro é crível  
Na solidão desta descrença.

E quando o Sol desaparece  
No lado oeste, no horizonte oposto  
A Lua cheia então aparece  
Trazendo os traços do teu rosto.

E como na lenda do lobisomem  
Me rasgo de dentro para fora  
E me torno, de novo, teu homem  
Uivando: Por que foste embora?

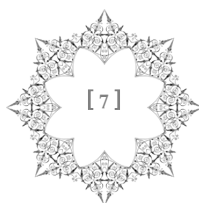
Louco, percorro os telhados  
De cada uma das ruas

Onde namoramos abraçados,  
Procurando lembranças tuas.

Em cada mulher, à luz da Lua  
Te procuro dentro da alma  
Não te acho, e isto me amua,  
Ninguém me ama, nem me acalma.

OUÇA A MÚSICA “AMARGO LUAR”, POR JAFF SILVA:

**CLIQUE AQUI**



APRESENTAMOS

**HOTEL BOM PREÇO**  
POR ANTONIANO

Veio num expresso para a capital às voltas com a sobrevivência, ruíram as suas expectativas, só sobrou o trabalho serviu, e o enquadramento.



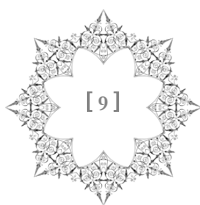
Envenenei a todos em casa (os que ainda estavam vivos) e fui dar uma volta lá para as bandas da BR, no velho Cemitério da Mangueira. Sinto a densidade da morte, mas a brisa é leve.

Avistei o túmulo do meu pai, entre margaridas que nasceram espontaneamente, em meio ao mato alto e ao descuido. Ele, meu pai falecido, amante de seres espaciais, havia deixado, como último pedido, o epitáfio a ser fixado em seu túmulo; quase um jornal: "Numa nave espacial construída com as entranhas reviradas da Terra, partiremos rumo às estrelas, numa saga intergaláctica à velocidade da luz, fugindo da extinção neste planeta. Haverá verde e águas limpas milhões de anos depois que partirmos."

Pensei no quão profético isso seria para um homem rude, sem afinidade com as letras. Pensei em quanto haveria de sombras e luz, em como a luz atravessa a escuridão, estando ela fadada a ser absorvida, mas também a absorver, em procedimento reverso. Pensei em tantas coisas: na substancialidade e na profundidade do universo, no buraco negro que, por tanto tempo, devorou todo o meu relacionamento com aquele que hoje visito, hipocritamente. Tudo já se perdeu.

Vi grades separando estátuas de mármore e objetos sacros de profanadores vis. O coração acelera com o silêncio em meio a tantas histórias de violência e sofrimento que se misturam à minha. Havia levado até ali minha tristeza para passear pelo velho Cemitério da Mangueira, perto da BR. Fui a pé pela rodoviária. Conversava comigo mesmo, e ela, a tristeza, acompanhava-me pelo trajeto, que passa em frente a um hospital psiquiátrico, onde tive um surto psicótico depressivo solitário. Em transe, vi um gato esguichar mijo no pelo de um cachorro preto que também passava. Rapidamente, veio-me à cabeça que preciso aprender a ser humilde, a amar a humanidade com suas garrafas PET e todo o nosso lixo.

A angústia e o arrependimento me trouxeram de volta à cena do crime. Ao abrir a porta, percebo que o inseticida que usei para matar mosquitos e baratas ainda exalava um cheiro forte, com corpos se debatendo pela sala. Optei, então, por um quarto de hotel na rodoviária, daqueles com bom preço.



# APRESENTAMOS

## **MARIAZINHA** POR ANTONIO JUNIOR

Antonio Júnior nasceu em 03/05/1966 na cidade de Recife e desde cedo se interessou pela arte da leitura. Aos 12 anos já havia lido a coleção de Júlio Verne da Biblioteca da cidade de Pesqueira, onde residia com a família... e juntando a ficção científica com os clássicos do terror, encontrou sua vertente literária. São de sua autoria o livro "Conexões Nordestinas" e o conto de ficção "Obsoleto" publicado pela Tarja Editorial na antologia FC do B: Ficção Científica Brasileira - Panorama 2010/2011. Atualmente se encontra finalizando o livro "Cabra macho não tem medo".



Mariazinha deu comida aos gatos. Seus olhos tristes percorreram o tapete de pelos diversos, de cores variadas, turbulento como o mar eriçado pelo vento.

Os quarenta e oito felinos se amontoavam e brigavam pelos pequenos pedaços de carne que Mariazinha jogava, aos poucos, no meio deles. Os gatos lhe faziam companhia desde que voltara de São Paulo. Começara com uma ninhada de seis que a vizinha queria afogar.

— Não faça isso, dona Vera... os bichinhos não fizeram mal a ninguém. — implorou.

— Ninguém quer eles, Mariazinha, e eu não quero minha casa cheia de bichos. Vou até me livrar da mãe. — respondera a vizinha.

— Então me dê eles...

E assim chegaram à casa de Mariazinha os primeiros gatos. Daí para diante foi rápido: as pessoas traziam os filhotes, largavam em sua porta ou então ela os recolhia na rua para não deixá-los morrer.

A própria Mariazinha era uma gata abandonada: seu pai largou a mãe dela pouco antes de seu nascimento.

Pressionada pela família e pelas circunstâncias, a mãe de Mariazinha abandonou a pequena cidade de Floresta, em Pernambuco, nos idos de 1980, com destino à capital.

Pelas ruas do Recife, as duas penaram como gatas sem dono. O dinheiro que a mãe de Mariazinha ganhava mal dava para comer e não tardou até a mulher, dona de alguma beleza, começar a vender o próprio corpo.

Como uma cria enjeitada, Mariazinha se escondia nos cantos enquanto observava a mãe se deitar com os clientes. Tudo passou a lhe parecer natural... crescera vendo aquilo. Às vezes era até engraçado: alguns eram desengonçados, com suas "coisas" pequenas e que não funcionavam, mas a mãe sempre dava um jeito.

Tudo era comum e normal até chegar o homem da cicatriz. Ele era feio e assustou Mariazinha. Tinha uma longa cicatriz que ia da ponta da sobrancelha esquerda até o canto da boca.

Naquele dia, sua mãe morreu. O homem a matou e cortou em pedaços, bem na sua frente. Mariazinha quase morrera também; mas, antes disso, o assassino foi impedido pela intervenção dos vizinhos, atraídos pelos gritos da vítima. A polícia chegou, prendeu o criminoso e Mariazinha ficou só.

Mariazinha foi entregue a um orfanato onde aprendeu diversas formas de sofrer e de fazer sofrer, pois, à medida que cresceu, passou a infligir aos menores as dores que os outros lhe infligiam.

Após algum tempo, já maior de idade, Mariazinha teve que sair do orfanato e resolveu fazer a vida em São Paulo. Nesse período, ninguém sabe o que aconteceu durante sua permanência na cidade grande. Foram dez anos de silêncio e ausência. Não que tivesse parentes a quem devesse notícias, mas os colegas — poucos — com quem se relacionara (pouco) sentiram sua falta.

Finalmente, da mesma forma que se foi, Mariazinha voltou. E voltou para Floresta. Agora tinha dinheiro, mas continuava arisca, distante, solitária.

Comprou uma boa casa em um bairro decente e passou a viver reservadamente.

Há pouco mais de dois anos, chegou à cidade um homem misterioso: parecia rico, mas ninguém sabia de onde vinha o dinheiro; tinha o lado esquerdo do rosto repuxado, como se tivesse passado por uma cirurgia plástica malfeita.

Não tardou até o homem notar Mariazinha, que não era nem um pouco feia; na primeira vez que o viu, Mariazinha ficou apavorada, mas ninguém soube o porquê.

Inexplicavelmente, o homem passou a frequentar sua casa; mais algum tempo e se casaram. Ninguém sabe o que levou Mariazinha a aceitá-lo.

Mas o homem maltratava Mariazinha... Todos a aconselhavam a deixá-lo, porém ela nada dizia.

Algum tempo depois, soube-se que ele ficara doente. Às vezes, os passantes podiam vê-lo sentado na varanda da casa, com Mariazinha ao seu lado. Às pessoas que os cumprimentavam, ele respondia com um aceno e Mariazinha, com um largo sorriso. A essa altura, já tinham quarenta e dois gatos, e a chegada de mais seis animais não encontrou objeção por parte do doente.

Algumas semanas depois, Mariazinha estava sozinha na varanda, chorando copiosamente. Aos que a interrogavam, respondia:

— Meu marido foi-se embora.

— Para onde? — perguntavam.

— E eu que sei? — Era a resposta.

Pobre Mariazinha — pensavam os transeuntes — — nasceu para sofrer. Mas Mariazinha chorava ao ar livre e gargalhava dentro de sua casa.

Guardava em uma caixa uma coleção de ossos polidos — um esqueleto inteiro —, parando um pouco para admirar o crânio que ainda conservava um risco iniciando sobre a órbita esquerda e se perdendo em direção à mandíbula: decerto resultado de um golpe profundo e antigo, uma cicatriz marcante.

Depois foi até a cozinha e pegou uma grande tigela cheia de pequenos pedaços de carne, dentre outras que se encontravam congeladas. Todas cortadas por ela própria, totalizando cinquenta e cinco quilos de carne, já descontadas as vísceras que moera para fazer ração e os ossos que acabara de deixar para trás.

Mariazinha sorriu... Tinha seus gatos, tinha dinheiro, vingara a mãe... Dirigiu-se satisfeita para o quintal com seus gatos atrás de si.

E Mariazinha alimentou os gatos.



# APRESENTAMOS

## CASA ANTIGA

POR RITA DE CÁSSIA TRAVAGIN KLEIN

Rita de Cássia Travagin Klein tem 74 anos e é professora de português e inglês aposentada. Começou a escrever tardiamente - na pandemia, e tem dois contos publicados: "O dono do jardim" e "Depois da tempestade". Segue escrevendo contos inspirando-se em Machado de Assis, Luís Fernando Veríssimo, Edgar Allan Poe e Stephen King.



Peguei as chaves na imobiliária para ver a casa que iria alugar. Era uma das primeiras da minha lista porque estava mobiliada e tinha o tamanho que me convinha. Ivy, a corretora, me encontraria mais tarde, porque tivera um problema para resolver.

Na frente da casa havia um portãozinho de ferro muito velho, que rangeu tanto ao abrir quanto ao fechar.

Atravessei, com poucos passos, a parte da frente recoberta por pedras, ladeadas por um jardim que precisava de cuidados, pois as plantas atrapalhavam a passagem.

Entre pela porta principal, que dava para a sala, composta por dois ambientes: uma sala de jantar com mesa antiga e uma sala de estar com um sofazinho azul, meio desbotado.

A cozinha pequena tinha armários antigos de aço com as dobradiças enferrujadas. Fogão e geladeira precisariam ser trocados e iriam direto para uma loja de antiguidades.

Depois da cozinha, dirigi-me à ala dos quartos, cujo acesso era feito por um corredor um pouco escuro. Chamou-me a atenção, ao fundo desse corredor, um enorme espelho que fora colocado ali, provavelmente, com a intenção de ampliar o ambiente. Essa era, certamente, uma de suas funções.

Olhei de longe. Não havia luz natural nem lâmpada que eu pudesse acender. Queria examinar aquele espelho, que me pareceu uma antiguidade digna de apreciação.

Cheguei mais perto para examinar sua moldura e seu estado de conservação. Precisava retirar a camada de poeira que cobria o vidro. Na falta de um pano, passei a mão sobre a superfície, revelando algumas manchas indeléveis. Afastei-me um pouco para observar meu reflexo e verificar o quanto aquele espelho ainda estava em boas condições. Mas só consegui ver uma sombra indefinida do corredor. Concluí que o vidro estava em péssimo estado de conservação e não refletia imagem alguma.

Porém, ao me afastar enquanto o observava, vislumbrei uma imagem que não era a minha! Com o coração batendo fortemente e movida pela curiosidade, olhei atentamente e consegui enxergar a figura escura e sombreada de uma moça. Ela me olhava com uma expressão de espanto, como alguém que não se sentia confortável por ser objeto daquela observação examinadora.

Tomada pela loucura do momento, permaneci apenas olhando, estática. Até quis falar, perguntar a alguém sobre ela, saber se também a via, mas não havia ninguém ali. Tampouco consegui articular uma sílaba.

Procurei dominar a situação, embora de forma muito precária, tentando respirar compassadamente, mas a figura fixava-me com um olhar penetrante, atraindo minha atenção como um ímã atrai o metal.

Sorri um sorriso nervoso e temeroso. Ela também sorriu: um sorriso tímido ou talvez sarcástico, gelado, que me fez estremecer. Fixei o olhar em seus olhos frios. Sua expressão mudou ligeiramente. Aquele olhar pareceu-me familiar.

Analisei mais uma vez a imagem, procurando encontrar meu reflexo no espelho e julgando que tudo não passava de uma ilusão produzida por uma mente perturbada naquele momento.

Assombrada por aquela figura e confrontando seus traços, busquei na memória alguma explicação e notei uma semelhança com uma prima que diziam parecer minha irmã e com quem eu havia perdido contato. Examinei os cabelos da aparição: escuros, ondulados e caindo pelos ombros, exatamente como eu me lembrava.

Permaneci sem compreender algo que jamais havia visto.

Procurando em mim uma réstia de calma para tomar alguma atitude, avaliei mais uma vez a imagem e decidi enfrentar aquela figura com menos medo. Encarei seu rosto, seu olhar duro, sem brilho e arrepiante.

De repente, um frio intenso percorreu meu corpo e me paralisou. Descobri de quem era aquele reflexo. Não era minha prima! Era uma mulher realmente muito parecida com ela! Reconheci-a com assombro.

Era eu mesma com a aparência da jovem que um dia fui!

Mas haviam se passado mais de cinquenta anos! Como seria possível?

Fiquei inerte, aterrorizada. O rosto sem rugas, a pele lisa e firme, os traços conhecidos de um passado que eu acreditava ter esquecido.

Sentindo a pulsação acelerada, aproximei-me ainda mais e bati as mãos vigorosamente contra o vidro. Queria quebrá-lo, eliminar aquela figura que me assombrava. Mas o espelho resistiu aos meus golpes.

Então atirei meu corpo contra ele violentamente. Contudo, parecia indestrutível. Tentei novamente, com ainda mais força, e senti o vidro frio, semelhante a um plástico grosso, transparente e maleável, amoldar-se rapidamente ao meu corpo e puxar-me violentamente para dentro daquela moldura.

Não consegui resistir.

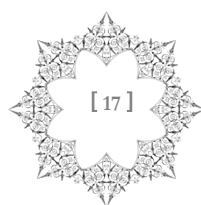
Com os pés apoiados em outro piso, olhei à minha volta. Vi apenas uma caixa estreita e apertada, na qual meu corpo mal cabia, mas onde eu conseguia me equilibrar por ser exatamente da minha medida.

Esta é minha última lembrança.

Pensei em Ivy.

— Venha logo, por favor, e olhe para este espelho!

Salve-me, Ivy, pelo amor de Deus!



# APRESENTAMOS

## **ALÉM DO ALÉM** POR GAVIAL JACARÉ (FLAVIO JOPERT)

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Aula de Zoologia, o Prof. Ricardo Caramujo interrompe a aula de outro professor, entra na sala e diz: acabaram de descobrir o fóssil de um réptil, com a posição suicida de enfiar uma estaca na própria garganta. Embora questionável é prova de que os répteis possuíam algum sentimento, ou consciência. O “primeiro” suicídio da história praticado por um animal.

A faculdade me deliciava, eram os melhores anos de minha vida estudando plantas medicinais que me levavam a sonhar com o mundo do Vodou. As florestas e seus mistérios, com plantas, e sapos cheios de substâncias. Que podiam trazer a cura. A vida.

Meu desejo da vida, ser eterno, mas não um velho patriarca imortal, um jovem eterno, com minha auto imagem aceita desfrutar eternamente da saúde, e do viver. O caixão, ora o caixão é uma realidade, alguns são bonitos. Beleza, desejo. É a prova psicanalítica de tudo que se deseja é gerado pelo medo.

Acordo me olho no espelho. Estou jovem alimentado por sonhos de minha amada. Volto ao espelho, estou velho acabado. Como se de um sapo e uma planta tivessem me tornado um zumbi. Já sei, amanhã estarei novo de novo, terei juventude suficiente para agradar meu amor.

A namorada surge, como desejo. Mas como desejo sem medo; As técnicas da magia preenchem o tempo com histórias. A flauta mágica de Mozart. O engambelar dos “bichos”. Conto para ela daquele episódio das aulas da faculdade. Ela se informa. Dizem que impossível. Até agora... Há 5 minutos informaram o achado. Como se fosse a revelação da existência de ETs. Ela me deixa, prefere descobrir esta única verdade, do que estudar a arte da magia universal.

Desejando a juventude eterna, porque de toda a paixão a beleza está na juventude, longe de ser um travesti belo, empalhado, numa quimera de um templo pagão. Sendo qual estátua selecionada para a estética decorativa. Mais que isso é ser a existência louca de ser composto por átomos e relativizarem massa e energia; e dia a dia ser diferente do que se autoconhece.

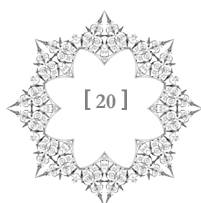
O Vodou, o jacaré. Aquela noite tão triste, como se um povo não pudesse lutar pela sua liberdade. Meu desejo: um jacaré, desejo de juventude para ter o poder totêmico em minhas mãos. Babia o jacaré manso e sagrado. Sobek a justiça que ensina o temor. O zoológico sagrado de Montezuma, para mim...

Assisto o filme “Aligator” passa na televisão. Demonstro a emoção de partilhar a vingança e derrota daquele crocodilo injustiçado. O repúdio de teu exemplo é o castigo: ele é mal, ficará sem o jacaré. Terá essa mácula a vida inteira, porque crescerá e nunca mais poderá ter um jacaré. Jacaré é coisa de “criança”.

Ele lê pensamentos, ele lê pensamentos. Acusam isso. Fui fantasiado num baile de carnaval. Como as crianças sabiam, então, que estava vestido de “Hamster Vil” e me atacaram. Estava vestindo uma roupa de banda, apenas para me divertir. Ele lê pensamentos! Apenas fazia cálculos com base nas leis e fatos apresentados.

Aquele jacaré que se degola. Fóssil preso em pedras que guarda uma verdade: a primeira pedrada. O fim do “nosso” mundo. A amiga, a namorada sonham. Vai a um jardim me procurar. Lá chega. Rosas brancas cobertas de espinhos. Me chama. O lago. Lá encontra um jacaré. Como se tivesse beijado um poraquê. Com uma faca na mão.

Aquele jacaré da aula, agora descoberto. Quem. Eu, ele, ou você.



# APRESENTAMOS

## **A PORTA** POR FRANCISCO S. ESTEVES

Francisco S. Esteves tem formação em Letras e publicou em 2016 um livro de poesia, *Primeiros Poemas*. Durante grande tempo, foi funcionário público em Petrópolis, RJ, e tradutor técnico. Mais recentemente publicou na Amazon duas obras de ficção científica, *Então fomos ver a nave espacial que caiu na Terra...* e *Philip*.

Sua escrita busca uma dimensão maior de gêneros e temas que permitam refletir sobre a existência humana e seus mistérios.



Em suas férias no banco, Baruque optou por passar uma temporada em uma cidade do interior. Uma pequena cidade histórica de que tinha ouvido falar algumas vezes, o suficiente para despertar sua curiosidade.

A par de seus hábitos solitários, planejou tudo sem compromisso com ninguém. A casa, alugou por meio de um aplicativo. Uma casa com dois quartos no pavimento superior, o que para um homem só parecia de antemão um excesso. E dois andares com dois quartos poderia diminuir a consideração de habitação modesta, como dizia o anúncio. Na verdade, parecia ser uma construção antiga, com aparência de boa conservação pelas fotos disponíveis. É sabido, no entanto, que fotos costumam mentir pela seleção cuidadosa que se faz para apresentar um produto. Baruque se ressentiu da quantidade reduzida de imagens das dependências da casa. Contudo, agradou-se particularmente da oferta com bom preço. Baruque ocuparia um dos quartos, algo já decidido na oferta. No andar inferior havia uma cozinha e uma pequena área de serviço. Talvez usasse a cozinha para preparar um lanche à noite. As refeições principais, faria em algum restaurante da cidade. Já se sentia hospedado na casa, embora o incomodasse a solidão que sentiria. Um pouco de medo também o acometia. Agora admitia que não é bom que o homem esteja desacompanhado, e Helenice, sua amiga, quase namorada, deveria ter sido convidada para esse passeio de uma semana. Ela não foi informada da viagem.

Baruque morava em um bom apartamento de dois quartos no centro da cidade, onde recebia um ou dois amigos que trabalhavam com ele no banco. Bebiam, comiam e conversavam, então. Outras vezes, recebia Helenice, que não trabalhava no banco. Os pais de Baruque esperavam que ele a tomasse por namorada de fato, uma vez que tinham admiração por ela.

Os pais de Baruque moravam em uma confortável casa em bairro a pouca distância do centro.

Baruque era um homem de pouco mais de trinta anos. Parecia não querer muito na vida, talvez pela falta de pressa, entretanto, sim, alimentava a ambição de ascender profissionalmente no banco em que trabalhava. O tempo o revelaria, pois o tempo é senhor da vida em todo o seu âmbito, de modo que quase nada pode ser previsto.

Baruque partiu cedo, por volta das oito horas da manhã. O dia se apresentava amplamente iluminado e suave. Um pouco mais de 200 km o separava da cidadezinha, o que significava também mais de três horas de viagem, tempo que poderia durar mais,

aproximando-se de quatro horas. Equipou-se cuidadosamente com todos os apetrechos que julgou necessários, duas malas, uma com roupas e outra, menor, com acessórios indispensáveis. Em uma sacola plástica aviou o que comer não perecível para o caso de sentir fome no caminho, porque, no caso de Baruque, essa ocorreria. Não poderia também faltar cafezinho no caminho. Já estava programada uma parada principal para almoço.

Seus pais estavam informados da viagem. Somente eles. Mostraram-se preocupados, como se fosse sua primeira e temerária longa viagem. Baruque era motorista hábil e responsável, e possuía um excelente carro. Seus pais perguntaram por que não levar uma companhia, Helenice! Não, há viagens que o homem deve empreender sozinho. Há aquela derradeira que será realizada totalmente desacompanhado... Não, não tem graça ironia desse tipo.

Pais jamais entenderão os filhos, porque sempre lhes parecerão carentes de atenção e proteção, e também desprovidos de juízo.

Tomou ciência da hora no painel à sua frente no carro: uma hora já havia transcorrido.

De repente, uma sensação estranha aconteceu. Tudo pareceu se tornar perto, como se as distâncias fossem uma ilusão da natureza. Baruque assustou-se profundamente, pois alguma alteração orgânica parecia ter lhe acometido. Talvez seu cérebro tivesse sofrido algum distúrbio neurológico. Teve tempo de alcançar e parar no acostamento. Sem dúvida temeu pelo seu estado de saúde, embora fosse um jovem homem saudável, conforme atestavam-no um ou dois exames recentes de rotina, o que lhe parecia suficiente. A horrível sensação de extrema proximidade das coisas passou. Não precisava de socorro.

Apesar de persistir certa estranheza, retomou a viagem. Não conseguiria explicar o insólito episódio.

Parou em um posto de abastecimento e se dirigiu à lanchonete. Acrescentaria um pouco de combustível em seu carro elétrico híbrido. Primeiro, fez um lanche desprezioso, quando consultou o celular por algum tempo. Dava a impressão de estar sob certo desligamento, porque demorou para perceber que uma garçonete lhe perguntava se desejava algo mais. Não, obrigado, disse sorrindo. Não deveria admitir que algo mudara em seu estado de percepção do seu entorno, a ponto de concluir que não se sentia mais perfeitamente bem. Não desistiu da viagem e tomou a estrada novamente.

Após duas outras paradas, para ir ao banheiro ou respirar fundo sem se encontrar ao volante, chegou à cidade, quando o sol já denunciava grande avanço da tarde.

Não encontrou facilmente o bairro da casa que havia alugado. Isso o angustiou porque queria chegar ao local antes da noite.

Por fim, encontrou o lugar, com a ajuda de informações de uma ou outra pessoa solícita. Deparou-se sob alguma surpresa com duas casas em estilo antigo, uma ao lado da outra. Não se apresentavam maltratadas. O terreno na frente, amplo, parecia ter funcionário que o mantinha sem excesso de mato. Desceu do carro e, após dúvida, se dirigiu à casa da direita porque uma janela no andar superior estava aberta.

Ainda havia sol nas montanhas ao fundo. O silêncio era grande. Havia outras casas no bairro, poucas e afastadas.

Antes que batesse na porta, porque não viu campainha, ela se abriu e uma mulher clara e gorda de cabelos grisalhos crespos surgiu, trajando um vestido azul-claro desbotado. A surpresa de Baruque o paralisou.

— Senhor Baruque de Souza, não é mesmo?

— Sim.

— Entre, por favor. O senhor ficará na casa ao lado.

Ao acompanhar a mulher à frente, Baruque pôde ver, então, que ela ostentava uma trança volumosa e longa de seus cabelos crespos.

Formalizou a ficha e pagamento de Baruque, lhe deu informações gerais sobre o funcionamento da hospedagem e pediu que ele a acompanhasse até a outra casa.

Acendeu luzes mortíferas que impressionaram mal um Baruque que não se sentia bem desde o transtorno na estrada. Podia fazer uso da cozinha, com o cuidado de não esquecer nada aceso ou ligado.

Começaram a subir a escada para o pavimento de cima. A mulher disse chamar-se Matilde em resposta à pergunta de Baruque.

Baruque acreditou que seu quarto era aquele da porta em frente à escada, mas a mulher lhe disse que o seu quarto ficava no fim do corredor. O que sentiu foi estranho e desagradável, cujo porquê não pôde entender.

— Não toque jamais nesta porta, senhor Baruque.

— O que há de errado com ela? O que ela guarda? — Gracejou. Sua interlocutora não viu graça no comentário humorado.

— O recado está dado, senhor Baruque.

— Não faz diferença, senhora, se não tenho a chave. Não será um desperdício alugar apenas um quarto se temos dois?

— O senhor já está pagando mais para desfrutar de tudo, quase tudo, sozinho. Sem se voltar para Baruque, acrescentou:

— Não diga seu pensamento porque o fato de pagar valor maior não lhe dá direitos ou liberdade ilimitados.

A senhora deu as costas à Baruque e se retirou.

Contudo, uma sentença proibitiva costuma ter um efeito absurdamente contrário na mente humana, qual seja o de desafio a transgredir a ordem ou advertência feita.

Com a noite, um silêncio imenso envolveu o lugar e sobretudo a casa. Silêncio de certo modo nutrido por pavor. O silêncio em si não constitui problema, porém a questão se estabelece quando o precede alguma situação crítica. O silêncio do universo em noite estrelada não apavora, podendo quando muito assustar de forma suave e passageira.

Ao abrir a porta colonial da sacada, Baruque deparou-se com uma enorme lua cheia. A casa ao lado, que parecia ser a habitação de solitária senhora Matilde, podia ser vista com olhar oblíquo, sob grande curiosidade de Baruque. Por um momento, achou que experimentava novamente a terrível alucinação da estrada, pois a lua lhe pareceu ao alcance das mãos. Profundamente assustado, voltou para dentro do quarto e fechou a porta-janela.

Pela manhã, ao passar pela porta do quarto proibido Baruque se perguntou sobre o que haveria além dela que pudesse ser tão extraordinário. Ao se dirigir ao carro, viu um homem cuidando de limpeza do quintal que agregava um pequeno jardim. Ficaria o dia inteiro fora porque a noite tinha sido inquieta e difícil, aterrorizante. Talvez não ficasse na casa pelos dias contratados.

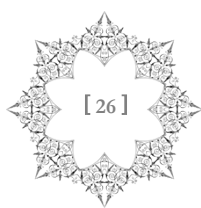
Retornou no fim da tarde, mas não se dirigiu à casa. Dormiu no carro em uma rua próxima. Sua cabeça fervilhava de pensamentos inquietos e amedrontados. Quem era a mulher Matilde, que não parecia ser real, proprietária de casas possivelmente assombradas. O homem silencioso no jardim, era um fantasma? Ninguém mais residia na casa principal? Baruque decidiu que não permaneceria mais. Ao despertar pela manhã, pegaria seus pertences e partiria de volta ao lar em sua cidade. Pouca coisa visitara na cidade histórica, anda assim com cabeça desconcentrada.

Apressou-se com o carro em velocidade exagerada, encontrou o portão escancarado e avançou estacionando ruidosamente no quintal das casas. Ninguém

apareceu para ver o que acontecia. Baruque estava também provido de inexplicável decisão ou tentação: abrir a porta do misterioso quarto. É possível que não haja mistério algum: apenas restrições ou limitações de acesso é que impõem essa crença, violável.

Baruque voltou à casa após deixar suas coisas no porta-malas do carro e subiu a escada sem se apressar, dessa vez. Sentia grande medo, quase pavor. Experimentou a maçaneta: a porta jamais estivera trancada. Assim, abriu com grande cautela a porta do quarto misterioso, mas não pôde concluir o ato, porque algo extremamente rápido e poderoso o agarrou e arrastou para a profunda escuridão que reinava além da porta. O grito de desespero e assombro, lhe ficou preso na garganta.

Baruque nunca mais foi visto.



# APRESENTAMOS

## **O SEGUNDO GESTO** POR HELIO BOTELHO GONÇALVES

Engenheiro de ofício, escritor por teimosia. Carioca, viajante por destino. Hoje ancorado em Aracaju, sigo aprendendo a ser nordestino.

Instagram: @heliogbh



Carlos era lembrado pelo que não dizia.

Havia nele um intervalo, um silêncio preciso, onde as mulheres entravam sem perceber. Não era beleza. Era outra coisa: um acordo que elas não sabiam que faziam. As jovens vinham com mais facilidade.

Carlos gostava de ferir.

Na mão, uma garra.

Ele as abraçava. Depois, vinha um gesto rápido.

Quando eram encontradas, não havia rastros. Apenas marcas discretas, alinhadas, simétricas.

Com Tânia, o silêncio falhou.

Ela o sustentou com o olhar. Sem pressa. Sem dúvida. Quando ele propôs o jogo, ela apenas se deitou. Estava em seu território.

E então riu.

Carlos interrompeu o gesto.

— Por quê?

Tânia não respondeu de imediato. Observava-o como se ajustasse uma medida antiga.

— Você se atrasou — disse ela, por fim.

O quarto pareceu menor.

Carlos a soltou sem entender por quê. O gesto veio antes da decisão, como se alguém tivesse decidido por ele.

O tempo não dissolveu o incômodo.

Numa festa, entre vozes e luzes, ele sentiu não um arrepio, mas uma espécie de ausência súbita, como se o mundo tivesse sido retirado por um instante.

Procurou. Nada viu.

Mas algo já o havia encontrado.

Em casa, o corpo cedeu cedo demais. Pesado. Estranho. Como se já não lhe pertencesse.

Tentou mover-se. Não conseguiu.

O quarto escureceu sem apagar a luz.

Tânia estava lá. Não chegou. Não entrou. Apenas passou a ser visível.

Sentou-se ao seu lado com a intimidade de quem nunca saiu.

Na boca, um brilho mínimo. O toque foi leve; algo se abriu.

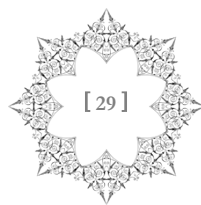
Carlos percebeu, tarde demais, que sempre houvera dois gestos: o dele, e outro, mais antigo.

— Não divido o que é meu, sussurrou Tânia. E a escuridão veio.

Encontraram o corpo sem sinais, sem luta, sem história.

O quarto intacto.

Sobre a mesa, a garra. Limpa.



# APRESENTAMOS

## **DUAS VIDAS** POR MARILEUZA BELMIRO

Marileuza da Silva Belmiro, 31 anos, nascida em Caravelas-Ba, em 3 de maio de 1995. cursou Letras Vernáculas na Universidade Estadual da Bahia, Campus X, desde 2019 (curso interrompido no sexto semestre de 2023). Discente desde 2023 da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) no curso de Línguas e suas Tecnologias (LIL). Escritora de crônicas, poemas e artigos científicos.



São 3h da manhã e ela acorda em uma floresta escura, úmida e densa, sem lembrar onde está, como chegou ali ou quem é. Levanta-se do chão desnorreada, tenta enxergar algo além da escuridão, dá alguns passos e volta a cair, desmaiada.

Amanhece, e o alarme soa com um bip estridente. Ela acorda assustada, com o cobertor colado ao corpo pelo suor, e então percebe que tudo não passou de um pesadelo. Olha para um enorme calendário pendurado atrás da porta do quarto, identifica que hoje é sábado e, em seguida, volta-se para o relógio ao lado da cabeceira da cama. Sai correndo. Já são 8h, e ela está atrasada para o treino de atletismo. Ela é a atleta de elite da escola, e seu atraso pode ser visto como indisciplina, prejudicando seu futuro.

Hani tem apenas 16 anos e, apesar de parecer uma adolescente disciplinada, independente e fiel aos seus compromissos e à casa onde vivia sozinha, não era esse o sentimento que nutria. Seu pai, Roger, e sua mãe, Anne, também viviam ali, sempre cuidando dela e apoiando-a. Apesar de apenas ela conseguir vê-los, isso não importava, pois o que valia para Hani era ter os pais presentes.

Os pais de Hani tiveram bons empregos em vida. Sua mãe era médica legista e, em seu trabalho, furtava órgãos para vendê-los no mercado clandestino. Foi assim que construiu sua pequena fortuna. Seu pai, por sua vez, era advogado autônomo. Seu nome não era conhecido positivamente e ele não tinha respeito na Ordem dos Advogados, mas havia seguido dois caminhos para prosperar financeiramente: primeiro, um pacto demoníaco; segundo, uma clientela invisível à sociedade, formada por pessoas que enriqueceram através de roubos, assassinatos e tráfico de drogas.

Hani não conhece o passado dos pais. Não sabe como construíram sua pequena fortuna, como administravam tudo, tampouco o que faziam quando ela estava fora de casa. Mas, assim que Hani fechava a porta para sair, começava a tormenta de seus pais, pois eles precisavam da presença dela para existir e, assim, fugir por alguns momentos do inferno do covil onde viviam.

Quinze anos atrás...

O senhor e a senhora Mendoff moravam em uma fazenda simples e confortável herdada por Anne Mendoff de seus pais. Em uma sexta-feira, 11 de agosto de 1971, a única filha do casal completava seu primeiro ano de idade. Não tiveram como comemorar. Viviam tempos difíceis e, algumas vezes, faltava-lhes o básico. O sofrimento parecia não ter fim.

Roger Mendoff era recém-formado e não conseguia clientela suficiente para sustentar a família. Desesperado por não conseguir oferecer nem o básico, entra mata adentro, querendo acabar com aquele sentimento de fracasso. Sobe em uma grande árvore e, lá de cima, atira-se diretamente sobre as pedreiras ao lado de uma cachoeira. Sente um forte impacto, mas não sabe se está vivo, morrendo ou já morto. Ao abrir os olhos, percebe que nada daquilo aconteceu.

Roger está dentro de um castelo de ouro e prata. Pisa devagar naquele chão brilhante, forrado por um extenso tapete de camurça. Segue lentamente por um longo corredor até chegar a uma imensa porta dourada de duas folhas. Ele encosta na porta, e ela se abre sem fazer ruído. No entanto, uma grande quantidade de fumaça escapa por sua abertura, trazendo um cheiro estranho que lembra enxofre.

Quando a fumaça diminui, Roger vê uma enorme mesa de ouro sustentada por quatro pilares de marfim com três metros de altura. Atrás da mesa, há uma gigantesca poltrona voltada para a parede, revestida de camurça e metais prateados. Nas paredes, enormes quadros exibem figuras perturbadoras.

Roger ouve uma voz grave e ameaçadora chamando seu nome. Ele olha para a poltrona, mas ela não se vira. Então permanece em silêncio, paralisado pelo medo. Porém, novamente ouve seu nome ser chamado de forma mais ríspida. Mesmo assustado, responde:

— Sim, senhor.

A voz o questiona sobre o motivo de ter se jogado no precipício e, ainda confuso, ele responde:

— Fraqueza, senhor.

A voz pergunta se Roger se arrepende do que fez.

— Sim, senhor.

Somente após responder à última pergunta ele entende que aquilo não foi um pesadelo. Ele realmente conseguiu tirar a própria vida em um momento de desequilíbrio.

Então a voz propõe:

— Tenho duas opções para você. A primeira é voltar e se tornar financeiramente próspero. Porém, deverá me servir e me dar o que tem de mais precioso neste momento. A segunda é continuar com a sina que escolheu e começar a pagar por esse infortúnio a partir de agora.

Roger responde:

— Senhor, de precioso só tenho a fazenda herdada de minha esposa e minha filha, que é uma criança de um ano.

A voz pergunta:

— E qual dos dois é mais precioso para você?

Roger hesita em responder, pois não quer que sua filha pague por seus pecados, e diz baixinho:

— A fazenda.

A voz responde:

— Trato feito.

Nesse momento, uma explosão faz surgir um pergaminho e uma caneta dourada com tinta vermelha. O idioma escrito naquele pergaminho era irreconhecível. Porém, mesmo com medo, Roger não quis se acovardar mais uma vez naquele dia.

Assim que termina de assinar, pergunta:

— Senhor, o que devo fazer agora?

A voz responde:

— Você saberá. Estarei com você.

Nesse momento, abre-se um buraco no chão. Roger cai em queda livre e acorda tempos depois em uma floresta escura, úmida e densa, sem se lembrar de onde está nem de como chegou ali. Ele vê uma luz e ouve alguém chamá-lo. Então se levanta, dá um passo e cai desacordado.

Minutos depois, é encontrado por voluntários que participavam das buscas. Às três horas da manhã de um sábado, Roger é encontrado com vida.

No dia seguinte, Anne vai buscá-lo no hospital e juntos retornam para casa, ao encontro de Hani, que estava sob os cuidados de uma vizinha. Roger não se lembra de nada; sabe apenas o que Anne lhe contou durante a volta para casa.

Ao chegar à fazenda, eles avistam um carro parado junto à porteira. Roger pede para Anne entrar pelos fundos enquanto ele vai até o veículo. Ao se aproximar, percebe o vidro traseiro abaixando. Roger logo reconhece aquele homem: era Beto, braço direito de um dos traficantes mais procurados do país.

A proposta é direta. Um contrato para que Roger se dedique exclusivamente aos negócios de seu patrão. Beto entrega apenas um envelope contendo alguns contratos para serem lidos e assinados, com prazo máximo de vinte e quatro horas.

Ao entrar em casa, Anne, preocupada com tudo o que havia acontecido nas últimas vinte e quatro horas, pergunta a Roger o que estava acontecendo.

Ele responde, eufórico, levantando o envelope:

— Uma proposta de trabalho!

Os dois gritam e se abraçam.

— Esse contrato vai mudar nossas vidas! — diz Roger.

Ele entra no escritório e retira o primeiro contrato. Ao ler as primeiras cláusulas, perde o entusiasmo. Algumas eram comuns; outras, muito específicas e fora de qualquer padrão, como esconder corpos, drogas e funcionários procurados por gangues ou pela Justiça em sua fazenda.

Roger passa a temer o futuro. As cláusulas se tornam cada vez mais graves, colocando-o no centro de uma situação perigosa. Em seguida, lê que receberá uma remuneração de cem mil reais mensais pelos serviços prestados na fazenda. Apesar do medo, o valor o impressiona.

Ao puxar o segundo contrato, Roger corta o dedo indicador na folha. Algumas gotas de sangue caem sobre o papel, que de branco passa a ficar completamente vermelho, acompanhado por uma pequena explosão de fogo.

Roger demora a compreender o que estava escrito naquele documento demoníaco e sobrenatural.

Por fim, percebe que não se tratava de um contrato de seu futuro cliente, mas sim do contrato firmado durante sua viagem ao submundo, quando atentou contra a própria vida.

Na primeira cláusula veio a bomba:

"Por sua blasfêmia, você e sua família viverão apenas mais dez anos, pois ouviu seu coração e mentiu diante do Mestre ao afirmar que a fazenda era seu bem mais precioso."

Como um estalo, Roger se lembra de tudo e sente o corpo gelar. Aquela cláusula foi como um soco no estômago. Ele não apenas condenou a si mesmo, mas também toda a sua família, incluindo sua pequena filha de apenas um ano.

A cláusula seguinte informava:

"Seu patrão é meu servo, e você fará tudo o que ele ordenar."

A próxima não era menos aterrorizante:

"Sua esposa voltará a estudar e concluirá seu curso de Medicina. Assim, ajudará você e seu patrão a se livrarem de problemas, além de ter acesso aos órgãos que você me trará como oferta. Exijo apenas cérebro, coração e pulmões intactos."

Roger continuava lendo, horrorizado.

Por fim, a última cláusula o deixou confuso:

"Sua filha não morrerá completamente. Será uma pessoa de sucesso e vagará entre o mundo dos vivos e o dos mortos."

Após ler sobre a filha, Roger cai inconsciente na sala. Pouco depois, recupera os sentidos e conclui a leitura.

Na observação final estava escrito:

"Nosso pacto foi selado com seu sangue. Agora você é meu servo e me deve sua vida e a de sua família."

Roger sai de sua mesa e senta-se no sofá, aterrorizado, pensando em mil coisas sem conseguir compreender nenhuma delas.

Até que sua esposa bate à porta e entra com uma xícara de chá. Ela a entrega a Roger e pergunta sobre as novidades trazidas pelo envelope.

Ele responde com a voz embargada:

— Muita coisa, querida. Muita coisa.

Ao reunir os contratos para guardá-los, percebe um envelope menor dentro do principal. Abre-o e encontra um cheque de cem mil reais.

Ele mostra o cheque para Anne. Ela o abraça e pula de alegria.

— O que vamos fazer agora, querido? — pergunta.

Roger responde:

— Vá arrumar a Hani. Vamos ao banco trocar o cheque, depois fazer compras e, em seguida, jantar no melhor restaurante da cidade para comemorar a vida da nossa filha. E digo mais: você vai continuar seu curso de Medicina.

E assim viveram uma vida confortável, com muito dinheiro e pouco luxo. Ofereceram a Hani o melhor em educação e lazer. Investiram em suas carreiras, melhorando cada vez mais para servir ao cliente especial. Viajaram, adquiriram propriedades e apoiaram causas sociais e filantrópicas de forma anônima.

Até que, em uma noite chuvosa, ao voltarem de um evento no centro da cidade, o carro da família Mendoff perde o controle e cai em uma pequena ribanceira, levando Roger

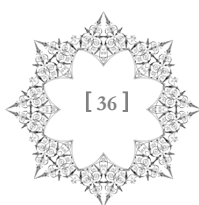
e Anne para um covil de tormenta profunda, onde passaram a pagar pelo pacto selado dez anos antes.

Hani foi encontrada inconsciente no meio da mata fechada às três horas da manhã, justamente no dia de seu aniversário de onze anos.

Dois anos após ser encontrada, Hani desperta do coma. Nesse mesmo dia, seus pais deixam o covil de tormenta para visitá-la no hospital, acompanhando de perto seu desenvolvimento.

Sempre que ela adormecia, eles retornavam ao covil. Isso aconteceu por algumas semanas, até que Hani recebeu alta e pôde voltar para casa.

Desde então, vive entre dois mundos, sem conseguir distinguir plenamente o real do espiritual. Quando acordada, leva a vida de uma adolescente comum e, de alguma forma, liberta seus pais da tormenta. Quando dorme, torna-se guardiã das almas perdidas que destruíram suas próprias vidas no mundo terrestre, enquanto seus pais continuam pagando o preço do pacto selado.



# APRESENTAMOS

## O QUE A ÁGUA NÃO DEVORA

POR R. BOTTER

Natural de Ibitinga (SP), Rafael Botter transforma a própria cidade em palco para contos, crônicas e poemas que transitam entre a memória, o cotidiano e o extraordinário. Nerd por vocação, encontra inspiração nas páginas de Stephen King, na ficção fantástica e nos acordes do Iron Maiden. Sua escrita busca capturar as inquietações humanas, misturando sensibilidade, imaginação e atmosfera. Participa de antologias literárias e cultiva na literatura uma forma de explorar mundos reais e imaginários.



A noite nas margens do Jacaré-Guaçu sempre teve o seu próprio dialeto. Quem é de Ibitinga conhece o som do rio: o estalar dos galhos secos, o coaxar insistente dos sapos e o marulho da água escura cortando a terra roxa. Para mim, aquele silêncio sempre foi um refúgio da rotina mecânica da cidade. Mas o rio, que banha nossas terras em silêncio muito antes de o primeiro homem civilizado erguer os olhos para este céu, guarda segredos que o tempo esqueceu de apagar. E, naquela noite de maio, cometi o erro de pescar um fragmento de uma antiguidade blasfema.

Era pouco mais de meia-noite. O ar estava pesado, e uma névoa rasteira e esverdeada começava a lambear a superfície da água, engolindo o reflexo da lua. Eu estava sozinho no meu ponto de pesca habitual, um barranco afastado, cercado por uma vegetação fechada. A carretilha estava silenciosa há horas, até que a linha esticou. Não foi um puxão violento de um dourado. Foi uma tração pesada, constante, como se o anzol tivesse engatado em uma massa colossal e dormente no fundo do leito.

Puxei a vara com esforço, recolhendo a linha centímetro por centímetro. A água borbulhou de um jeito doentio, liberando um cheiro forte de maresia podre, peixe morto e lodo abissal — um odor totalmente alienígena para um rio de água doce, que me embrulhou o estômago. Quando a ponta da linha finalmente emergiu, enroscada nela estava uma urna de pedra negra e oleosa, do tamanho de um crânio.

A peça era pesada, recoberta por uma camada de limo que parecia pulsar levemente sob o toque dos meus dedos. Ao limpar a sujeira com a manga da camisa, o horror se instalou. A superfície estava coberta de entalhes em alto-relevo que desafiavam a sanidade humana: figuras híbridas, caricaturas grotescas que misturavam traços de polvos, tentáculos e asas colossais de morcego, curvadas em uma geometria não-euclidiana. Olhar diretamente para aqueles ângulos bizarros fazia minha cabeça girar, provocando uma náusea profunda e uma vertigem terrível. A boca da urna estava lacrada com uma cera negra e endurecida, que trazia a marca de uma garra ciclopeana.

Uma curiosidade mórbida e irresistível, uma espécie de chamado mental que obliterou meu instinto de sobrevivência, tomou conta de mim. Peguei a faca de pesca e forcei o lacre.

O som do rompimento da cera foi como um suspiro sufocado vindo de uma garganta titânica. No mesmo instante em que a tampa cedeu, a natureza emudeceu. O coaxar dos sapos cessou. Os grilos calaram-se. O vento parou, deixando as folhas das árvores

paralisadas em uma rigidez artificial, como se o próprio tempo tivesse congelado diante de algo infinitamente mais antigo que o universo.

De dentro da urna, não saiu fumaça. Saiu um frio absoluto e uma penumbra palpável que começou a distorcer a luz da minha lanterna. E então, o Jacaré-Guaçu começou a sofrer uma mutação.

Olhei para a margem e meu coração congelou. A água não corria mais em direção à sua foz. Ela havia parado. Lentamente, com um sussurro gutural que parecia uma prece profana em uma língua incompreensível e cheia de consoantes ásperas — um eco de coros esquecidos que clamavam por Cthulhu nos abismos marítimos —, o rio começou a correr ao contrário. As águas subiam a correnteza de forma violenta, espumando um fluido viscoso e escuro, trazendo à tona carcaças deformadas de peixes.

Tentei correr, mas minhas pernas pesavam como se a gravidade tivesse sido alterada. O firmamento de Ibitinga havia sido rasgado. As estrelas conhecidas estavam se movendo, rearranjando-se em espirais frenéticas, revelando um céu cósmico desconhecido e apavorante. Do centro do rio invertido, a água se abriu.

Não houve estrondo, apenas uma monumental quietude quando uma silhueta titânica e intangível começou a se projetar da correnteza. Era uma massa de tentáculos esmeralda e órbitas abissais que não olhavam para o meu corpo, mas rasgavam a minha mente. Aquela abominação não pertencia ao nosso plano de existência. Era um vislumbre dos Grandes Antigos, entidades que governaram a Terra eras antes do surgimento da humanidade e que agora aguardam, em seu sono cadavérico, que as estrelas se alinhem novamente. O rio era apenas uma das veias que cruzavam a sua prisão subterrânea.

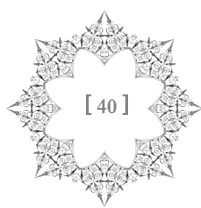
Minha cabeça parecia prestes a explodir sob o peso de pensamentos que não eram meus, visões de cidades ciclópicas de pedra verde submersas em oceanos infinitos. Compreendi que se eu olhasse mais um segundo para aquilo, minha mente seria fragmentada para sempre.

Usando o último lampejo de vontade humana que me restava, juntei minhas forças e chutei a urna negra com violência de volta para o rio. O artefato afundou, desaparecendo nas profundezas lodosas.

O impacto quebrou o transe. Num piscar de olhos, o rio estancou o curso invertido e voltou a correr normalmente. Os grilos voltaram a cantar. O céu recuperou suas estrelas estáticas. Caí de joelhos no barro, arquejando, com um suor frio escorrendo pelo rosto e as

mãos tremendo incontrolavelmente. Juntei minhas coisas de qualquer jeito e corri em direção à estrada, sem olhar para trás.

Hoje, evito passar perto das águas do Jacaré-Guaçu. Quando ando pelas ruas de Ibitinga e sinto o vento frio da madrugada ou ouço o correr sussurrado das águas, sinto um arrepio na espinha. Sei que a calmaria do interior repousa sobre um abismo de mistérios insondáveis e deuses esquecidos. E sei, acima de tudo, que naquelas profundezas escuras, o que está morto não pode morrer, apenas espera o momento de despertar.



# APRESENTAMOS

## **A MONTANHA DO SUMIÇO** POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado em concursos da Conexão Literatura — com a qual colabora desde o nº 37 —, Ed. Arame Farpado e Ed. Mhajulla. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e trinta antologias. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Era uma Vez um Outono", "A Voz do Oceano" etc.  
E-mail: [schimaroberto@gmail.com](mailto:schimaroberto@gmail.com)



O pequeno grupo de turistas mostrara-se entediado durante todo o passeio.

— Que títica de cidade! — falou o mais enjoado. — Não tem nada mais interessante por aqui além de cachoeiras, lagos e parques? Só isso não torna um lugar turístico!

— Não disse?! Perdeu a aposta. Devíamos ter ido aonde falei. Quem ri por último?

O guia tímido, homem natural da região cujo sotaque despertara risos, falou:

— *Bão...* Tem a Montanha *du Sumiçu...* *Mais a genti* tem medo de lá *pruquê...*

— Adorei o nome! — interrompeu outro. — Vamos até lá, jeca!

Todos assentiram, rindo, mas o guia, sem jeito, procurou demovê-los da ideia.

— As pessoa *somi!* Falam *di arma* penada, *ispritus*, bruxas e sacis.

Tanto insistiram os forasteiros, acenando mais dinheiro, que o guia concordou.

Ao chegarem, em vez de encontrar alguma emoção, persistiu a decepção. A tal "montanha" não passava de um morro pelado. Lembrava o topo de um ovo cozido. No sopé, uma abertura semelhante a uma secção de elipse. Tanto uma quanto a outra eram regulares demais, fazendo surgir comentários sobre fraude. A suspeita não se alterou quando entraram, apesar dos veementes protestos do guia e a recusa em acompanhá-los.

— Frescura de caipira — comentou uma moça bastante maquiada e pouco vestida.

A desconfiança se tornou mais sólida diante dos estalactites e estalagmites: regulares e monocromáticos demais em seus formatos de cone alongado.

— Deve ser tudo de concreto armado... Que piada sem graça! O mateiro lá fora terá que devolver nossa grana ou levará uns sopapos!

Tocou a parede rochosa. Alisou. Sentiu. Emudeceu e... Engoliu em seco.

A coisa tinha uma leve vibração, como o ronronar de um gato. Não era cimento. De súbito, um vento morno partiu do fundo da caverna e o chão começou a tremer.

— Va-va-vamos sair daqui! — gritou o mais petulante. — Te-te-terremoto!

Tampouco era um sismo.

Todos se apavoraram diante da diminuição da claridade: a entrada se fechava. Tarde demais, deram-se conta de não se tratar de uma entrada, mas de uma boca; os estalactites e estalagmites, dentes; a brisa quente, hálito; toda a montanha, um monstro gigante enterrado no chão! Pediram socorro, soluçaram e choraram... Em vão.

A última visão que tiveram na vida antes de serem mastigados e engolidos foi a do simplório guia do lado de fora. Estava empertigado e de mãos na cintura. Berrou:

— *Bão sumiçu procês!*

E, enquanto beneficiário da estranha simbiose, ele riu por último... E riu melhor.



# APRESENTAMOS

## **UM DÉJÀ-VU** POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Hospedamo-nos no mesmo local. Um resort dentro de uma reserva florestal.

Mas, por segurança e até medo, sempre ficamos num dos quartos do corpo do mesmo e nunca nas cabanas isoladas e esparsas no meio das árvores densas e com acesso em potencial, por vários tipos de animais selvagens.

Mas, daquela vez e pela primeira vez, puseram-nos num dos últimos quartos da ala oposta (oeste) à que estávamos acostumados (leste).

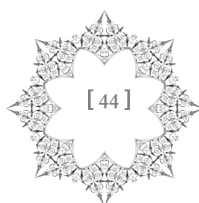
Esta ala oeste está junto a densa quantidade de árvores enormes em área fechada da floresta e a ala foi construída sobre colunas de alicerce - como palafitas - encimando um espaço em declive, escuro e cheio de vegetação.

Neste resort, gostamos e temos o costume de tomar o café da manhã pelas 7 horas, para podermos aproveitar ao máximo, a bela praia (praticamente privativa) e o mar, juntos ao mesmo. E na nossa primeira manhã, às 7 horas, quase amanhecendo, ao abrimos a porta do nosso quarto, demos de cara com uma verdadeira cena de terror — pelo menos para nós —: um redemoinho de morcegos velozmente voando, no vão da nossa entrada — o que nos fez lembrar automaticamente, da caverna do Batman.

O susto foi tão grande que só conseguimos voltar ao quarto, fechando a porta imediatamente atrás de nós.

Telefonamos para a recepção para pedir ajuda. E nos deram duas soluções: ou um segurança vinha nos ajudar a sair do quarto e "enfrentar" os morcegos (nos garantiram serem inofensivos e herbívoros) ou saíamos mais tarde, com claridade e luz solar suficientes — aí, os morcegos já teriam voltado às suas bases.

Que dualidade!



# APRESENTAMOS

## **FRAGILIDADE** POR SELMA LUANNY

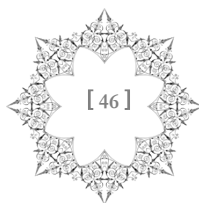
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Estão se tornando um terror...  
essas férias junto à natureza.  
Parece que insetos e outros  
bichos são, por mim, atraídos.

E então, férias viram pesadelo...  
Num alvo fácil torno-me... e o  
bombardeio de picadas começa...  
ombros, braços... até a cabeça.

Serão as alterações climáticas?  
Ou, com o passar dos anos... mais  
frágil, estou-me tornando? Ou os  
dois fatores juntos, aterrorizando?



# APRESENTAMOS

## A CAIXA POR TIAGO ITALO

Mestre em filosofia, professor efetivo de filosofia da Seduc-CE, natural de Iguatu-CE, sempre percorreu os caminhos da filosofia e da literatura, buscando encontrar uma verdade sobre o mundo. Dedicou-se à escrita de contos e aos estudos literários e filosóficos na área da estética, filosofia da linguagem, ética e filosofia política.



Naquela noite, ele se sentou na poltrona da sala. A espingarda de chumbinho estava deitada sobre as pernas de Tide, que olhava para o chão, bem na quina da parede. Empunhava-a, enfiando o dedo gordo no gatilho; quebrava-lhe o cano, testava a mira, colocava a coronha, ora sobre o ombro, ora debaixo do braço. Verificava mil vezes se o chumbo estava na câmara. De repente, uma sombra projetava focinhos e orelhas, com as cabecinhas balançando a cada parada, elevando as patas, com o corpo quase ereto. Eram dois.

O que estava rente à parede caiu. O chumbo atravessou-lhe o crânio. O sangue escorreu sobre a couraça peluda. Seus olhos voltavam-se para Tide na poltrona. O outro parou, e virou a cara. Tide o chamou:

— Venha cá seu malandrinho. Pegue sua recompensa. E traga mais, viu?

A poltrona afastou-se para trás quando o homem tentou se levantar. Pegou o saquinho de comida e lançou-o perto do outro animal que lhe cravou os dentes e correu, vendo-se apenas o rabo a dobrar a quina da parede. Tide riu que se engasgou. Suprimiu a risada para não começar a tossir. Apanhou o morto pelo rabo e o sacudiu fora. Passou um pano para limpar as poças de sangue do chão. Atravessou a sala e guardou a carabina na parede.

No trabalho, Tide revirava folhas, atendia telefonemas, riscava qualquer coisa sobre a mesa. Começou a fazer pequenas bolinhas de papel e jogar no cesto de lixo; vieram as correntes com cliques; apontar o lápis transformando-o em uma lança, cuja ponta espetava sua bochecha. Na hora do café, foi à casa de produtos agrícolas e animais. Conversou com a atendente:

— Na verdade, eu queria aquele que é proibido.

— Mas esse não tem, senhor.

— Não daria pra vender nem o similar?

— Mas não temos, senhor.

Saiu resmungando, olhando para baixo; voltou para o local de trabalho. Ligou o computador, entrou na internet. Deu site bloqueado. Acessou-o do próprio aparelho celular. E lá estava: ratoeira adesiva. Calculou frete, o dia da entrega, passou no débito. Quando chegou em casa, começou a rastrear o produto. Atualizava a página. Foi ao encontro da esposa. Jantaram, conversaram. Tide foi para sala. Olhou para a espingarda, tirou-a da parede e levou para o quarto. Na volta, trouxe um taco de golfe. Cromado, brilhava tanto

que espelhava as coisas. Deixou-o encostado à poltrona. Sentou-se, ligou o celular. Um vulto atravessou a sala. Tide segurava com os dois dedos o taco de golfe batendo no chão; em voz baixa dizia:

— Eu sei que é você, seu malandrinho.

Tide procurava algo para dar ao bicho, que não parava de farejar, de esfregar as mãos; ele piscava os olhos, levantava as orelhas miúdas, sentindo pequenos espasmos pelo corpo. O homem tirou qualquer coisa do bolso e jogou para o canto da sala. Prontamente, o animal segurou com seus dedinhos, cravou os dentes, saiu como que escorregando pelos cantos das paredes e sumiu.

A campainha da casa tocou. Lêda desligou o aspirador de pó, espiou pelo olho mágico, recebeu a encomenda. Apalpou uma embalagem mole. Deixou sobre a estante. Deparou-se com o taco de golfe. Analisou-o. Tinham iniciais gravadas no aço cintilante; repousou-o no mesmo local. E foi cuidar de seus afazeres. O telefone chamou:

— Alô!

— Lêda, entregaram alguma encomenda aí em casa?

— Chegou sim, Tide, mas não abri não.

— Obrigado.

Quando Tide chegou em casa, deparou-se com a esposa mexendo no pacote. Foi ao encontro dela tirando de suas mãos aquele saco fino e flexível. Piscou um olho para a mulher, e deixou a encomenda em cima da poltrona. Virou-se para ela, deu-lhe um beijo na testa, agarrando o rosto com as duas mãos. Ela quis dar um passo para trás, mas conteve-se. Ele olhou por cima do ombro dela. Disse:

— Hoje a gente podia jantar uma pizza.

— De novo?!

Os talheres da esposa raspavam a porcelana do prato. Ele dobrava cada fatia, encharcada de molho, e enfiava-lhe na boca. Às vezes falando e comendo. A esposa comeu somente duas talhadas. O marido juntou a louça, recolheu a bebida; colocou a embalagem de papelão sobre a mesa da sala de jantar, restava uma fatia generosa. Seguindo para a poltrona, organizou tudo. Posicionou a folha adesiva no mesmo local da parede, bem na aresta. Chegaram os dois. A luz dessa vez não projetou suas sombras.

Mirou o animal, que tentava arrastar a barriga protuberante, e se estrebuchava para sair daquela cola; seu guincho cortava o ar, foi quando o dono da casa apareceu, cerrou os dentes e varreu o rato da cola, num único golpe. O taco de golfe partiu aquele roedor. Tide

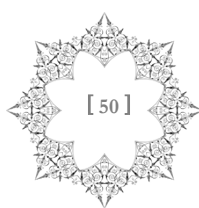
juntou os filhotes pelo chão com uma pá de lixo, um a um, dobrando a folha pegajosa com o que sobrou do rato; encontrou o restolho do animal abaixo da poltrona. O outro fugiu; o homem deixou a pizza no chão, apagou a luz e foi dormir.

Levantou-se mais cedo do que o habitual. Viu que a pizza ainda estava lá, perto da poltrona. Três dias se passaram e nada do outro camundongo aparecer. Uma caixa chegou à casa de Tide. Havia um desenho de um raio, em cores vibrantes em ambos os lados. O fio esticado, poderia ser ligado à tomada perto da televisão. Ele advertiu a esposa para não mexer na caixa. Completaram-se sete dias depois do episódio do taco. O rato deixara vestígios de sua presença. Tide quis dar um soco no ar, mas inclinou a cabeça e sacudiu os punhos cerrados.

Na sexta-feira, Tide saiu com a esposa para jantar. Ele bebia uma cerveja, ela uma água com gás. Os nacos de carne tingiam o prato de Tide. Aquela salmoura dimanava misturando-se aos outros alimentos. Lêda comia devagar, a cortar parcos pedaços de carne. O marido pediu duas cervejas ao garçom para viagem. Pouco falaram até em casa. No escuro do quarto, vieram as carícias do marido. Lavaram-se, separadamente. Ela retirou a maquiagem, retornou à cama. Tide foi em busca da poltrona, Lêda virava-se de um lado para outro, alongando, de quando em quando, os dedos dos pés sob o edredom.

A sala à meia luz. Tide pegou a caixa sobre a mesa, examinou-a. Sentou-se na poltrona. Atirou ao lixo o manual de instruções; viu uma nódoa de ácido na parede; o rastro queimado de um rato que, noutra ocasião, foi incendiado correndo pela casa. Tide fez uma trilha com cubos de queijo até a entrada da caixa; esticou o cabo e ligou-o à tomada mais perto.

O homem caiu no chão. O grito não veio. Ele se debatia, a língua enrolava. Os braços de Tide tremiam; suas mãos apertavam o fio desencapado; os dentes trincados. A mulher ouviu o barulho; com a cabeça sobre o travesseiro, virou-se de lado e dormiu. Os ratos, do outro lado, assistiam à cena. Seguiram o caminho do queijo; depararam-se com o corpo enrijecido. Aproximaram-se, farejando-o. Arrancaram-lhe os olhos com os dentes e foram embora.



CONHEÇA OUTROS  
**TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO  
**CONEXÃO LITERATURA**



TENHA ACESSO  
AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO:

**CLIQUE AQUI**



FIQUE POR DENTRO DO  
**MUNDO DOS LIVROS!**



VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)



CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)



SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)



INSCREVA-SE:  
[WWW.YOUTUBE.COM/  
CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)



E-MAIL:  
[ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)



**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.  
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:**

**CLIQUE AQUI**